

MARCAS DA INSULARIDADE
NO *MAU TEMPO NO CANAL*,
DE VITORINO NEMÉSIO

por

A. M. B. MACHADO PIRES

Se o título «Mau Tempo no Canal» parece sugestivo pelas associações semânticas desencadeadas pela ideia de 'canal' e de 'mau tempo', a profunda insularidade açoriana do romance esconde-se muito para além dessas referências climáticas e marítimas.

Mau Tempo no Canal é um romance de conteúdo fundamentalmente psicológico, social, histórico — e humano universal. É um romance feito de tempo histórico, de tempo interior, de passado (pessoal e colectivo) e de futuro, de incerteza e disponibilidade. Tempo sem pressas, dias sem horas, pontuados apenas pela luz do Canal e pelas divagações do narrador. História assumida em cada personagem, como se cada um fosse ali o documento da sociedade iniciada há quatro séculos e a prova provada do isolamento.

História, por um lado, Destino — a *Moirá* grega — por outro, a deixar-nos a tensão e a disponibilidade que pulsa no fundo da alma açoriana e a leva à diáspora por todo o mundo. É a *Moirá* — ou destino dos gregos, dramaticamente ilhéus também ... — que leva Margarida atrás de uma baleia, numa frágil canoa, até à costa de São Jorge, a casa dos futuros sogros. Um «incidente», o tempo do

canal que se «fecha» (coisa tão comum para o ilhéu!) e um destino que se resolve: «[...] a resposta estava talvez dada para sempre, riscada no mar pela proa de uma canoa do Pico e pela escolha cega de uma baleia trancada...»¹. Ou, enfim, o dobrar de Margarida «à vontade alheia e às garras de um destino sem piedade?»².

Romance que escolhe a Horta, frente ao Pico, «a cidade [que] era um camarote de frente para aquêlo palco de todo o ano»³, onde se desenvolvem, dia a dia, os espectáculos aéreos das nuvens de nácar em forma bizarra, ora em anel, em montão, em «eterno capote e capelo», ora em neblina total, que entorpece os membros e perturba molemente os sentidos.

Romance do clima na vida do homem, do homem na sociedade insular histórica, do indivíduo no drama do *struggle for life*. Obra que eleva os elementos da vida insular açoriana ao plano da universalidade do indivíduo e do Destino.

Os estratos psicológico, social, histórico do romance estão profundamente impregnados da condição de insularidade. Tudo acontece e se descreve num enquadramento determinado e determinante.

Importa procurar na matéria semiótica, na própria «carne e osso», «alma e corpo» que são o *conteúdo* e a *expressão*, essas marcas de insularidade. Esta está presente subrepticamente em toda a obra, condicionando conflitos, tensões e desfecho, constelando panos de fundo e vinculando passados históricos.

Um dos primeiros traços da insularidade está na sensibilidade ao clima, tornada uma segunda natureza, um hábito do narrador que dá conta de coisas que só acontecem ali e impressionam assim porque se nasceu e se expe-

¹ Lisboa, Bertrand, s.d., cap. XXXI, p. 367.

² P. 427.

³ P. 29.

rimentou viver ali. O clima, o céu, as nuvens, o tom do azul ou do cinzento do mar não são elementos pitorescos ou regionalistas, mas são o resultado de uma experiência sentida na carne, calcada dia a dia e depois assumida ou recriada nem linguagem. Em frente da pequena cidade da Horta está a grandeza maciça e vulcânica do Pico — «a cidade era um camarote de frente para aquêlo palco de todo o ano». E o grande cone vulcânico impõe-se a todo o momento, «debaixo daquele eterno capote-e-capelo de nuvens»⁴, às vezes «com o cabeça roxo, cortado de uma nuvem cinzenta»⁵, outras vezes como «o céu de algodão sujo» que cobre todo o arquipélago⁶. Essas nuvens e esse céu têm, por vezes, mais força do que a história que se conta, cujo fio se suspende para atender à do ambiente. As preocupações do narrador com o conflito entre os Garcias e os Dulmos ou com a informação histórica sobre a sociedade faialense dissipam-se para se iniciar um capítulo liricamente, apenas atento à expressão de súbito tornada poética, extática, mas logo tensa, retomado o fio da expectativa:

«Ao entardecer os campos enchiam-se de neblina, o Pico ficava baço e monumental nas águas. Dos lados da estrada da Caldeira sentiu-se uma tropeada, depois pó e um cavaleiro no encaicho de uma senhora a galope:

— *Slowly! Let go him alone ...*»⁷.

Fez-se assim um início de sequência fílmica, verdadeira transposição verbal para a imagem, sem adiposidades verbais nem tempo perdido na descrição «regionalista»; tudo está dito em dois pares de linhas: os campos ao entardecer cobertos com neblina, o Pico baço, monumental, ao fundo do canal — e logo, sugerido o quadro, dos lados da

⁴ P. 108.

⁵ P. 140.

⁶ P. 434.

⁷ Cap. IX, «Encontros», p. 116. Sublinhado do autor.

estrada da Caldeira *sentiu-se uma tropeada* (sem esquecer o significante: tro-pe-ada), depois *o pó*, e eis um cavaleiro no encalço de uma senhora a galope ... Imagem, som, movimento, até velocidade. Que mais precisaria um realizador?

Mas a nota do nevoeiro, da neblina ou pelo menos do céu eternamente pontuado de nuvens não abandona o texto. São de novo «os nevoeiros de abril que cobriam a Ribeira dos Flamengos como uma terra encantada»⁸, ou um «nevoeiro perpétuo, que raro deixava ver o casco de alguma embarcação no Canal»⁹, ou mesmo um nevoeiro cerrado, que no entanto se pode separar «em pequenas massas soltas, progressivamente altas e móveis sobre a pedra queimada e o mar redondo»¹⁰. E de novo é o poeta das tonalidades do Canal que nos fala da noite, do mar e do céu açorianos, sem desvanecimentos postiços de literato regionalista por encomenda, mas com uma nota de impressionismo (do autêntico, não do da falta de rigor —!) e de realismo vivencial de sentidos bem despertos:

«A noite, uma lua viva, irreal, branqueava a torre da igreja da Candelaria de uma espécie de véu de freira, movimentado pelas nuvenzinhas eternas do céu ferrête das ilhas, como se a torre começasse a andar entre as vinhas de braços torturados.»¹¹.

Mas o vento, o mar, as nuvens, estão presentes mesmo quando se realiza a tensa viagem de Margarida na canoa:

... «As nuvens açorianas, a princípio paradas e aos pares,

(Nuvens paradas, côr de cobre,
É temporal que se descobre)

⁸ P. 263.

⁹ P. 301.

¹⁰ P. 303.

¹¹ P. 303.

deslaçavam-se agora finas e leves, como se o Pico fôsse um açafate de penas sopradas.»¹².

O clima é um elemento que participa, que está presente à flor da pele, que condiciona animicamente, às vezes a *única realidade*, que penetra no íntimo do João Garcia, desvendado pelo narrador onisciente:

«E os arrufos de Laura pareceram-lhe [a João Garcia] o episódio mesquinho de um jogo de gato e rato; uma cabra-cega em que a única realidade agarrada era aquela ilha vendada de nuvens e de gaivotas.

— Tempo triste, com um resto de mormaço nas pedras e fastio de morte nas almas.»¹³.

Uma sensação generalizada? Nem sempre ... Mas uma componente da existência, pontuando os dias e os sentimentos, uma sensação «sedativa e pungente»¹⁴. E, quando procurado o traço característico, a constante do clima no comportamento, na imagem do dia a dia, o autor teoriza sobre o *azorean torpor*:

«Um céu de algodão sujo tolda o arquipélago das nove ilhas; o mormaço apaga os contornos do mar e da terra, e, amolecendo os pastos à custa da pele do proprietário e do pastor, dilui e arrasta as vontades, dá a homens e a coisas uma doença quase de alma, a que os ingleses, médicos do bem estar, puseram uma etiqueta como quem descobre uma planta nova neste mundo seco e velho: — *azorean torpor*.»¹⁵.

A insularidade, porém, não se define só por esse *azorean torpor* que dá às coisas e às mentes o marasmo salgado e a rotineira habituação ao isolamento. Não são só as nuvens, de nácar, roxas ou lilazes, que enquadram a paisagem; é o mar, a obsessiva presença no horizonte do

¹² P. 338.

¹³ P. 253.

¹⁴ P. 299.

¹⁵ Cap. XXXVII, «Epílogo», p. 434.

quintal de cada casa ¹⁶, adivinhado «pela ressonância remota e permanente ¹⁷, sentido pelo cheiro a ressalga que penetra pelas varandas abertas ¹⁸ (também o casaco de Margarida na noite infausta do castigo paterno «cheirava a ervas e a ressalga», p. 24). Mar que mantém ou rouba vidas, que se levanta de súbito, num canal que é traiçoeiro, que passa do azul, do esverdeado ao cinzento metálico que pressagia o temporal, mas que é, pela boca do Ti Amaro (personagem necessária ao regionalismo linguístico do autor em longas páginas quase dialectais ...) a melhor escola para o ilhéu pescador e trancador de baleias: «— *Pena-se munto nesses mares, mûis aprende-se mais que nûa iscola!*» ¹⁹.

O mar, omnipresente, escondendo a riqueza, o risco (da fortuna ou da miséria dos pescadores e dos negociantes da Horta), o destino de Margarida e a *cucumaria abyssorum*, equinoderme das grandes profundidades atlânticas, a mais de 4000 braças, no rasto das baleias ... Tais são os mistérios do Atlântico que o *Hirondelle* do Príncipe Alberto do Mónaco esquadrihava — o que não escapa à erudição do narrador ...

Além do céu, das nuvens e do mar, a própria terra, o *solo*, a realidade física, plasmada vulcanicamente e modelada pelo tempo e pela erosão, entram na impregnação de insularidade açoriana do romance.

Não será por acaso que na cena inicial, com a qual o narrador começa *ex-abrupto* (o romance inicia-se com a curta frase de Margarida: — «Mas não voltas tão cedo —»), a protagonista está «de cabeça voltada às nuvens», «debruçada num muro de pedra *de lava*» ²⁰; e é o Ti Amaro, porta-

¹⁶ ... «aquele mar verde e belo que parecia o quintal da sua casa» [de Margarida]. Cap. XXIX, «Barcarola», p. 339.

¹⁷ P. 228. («ressonância remota e permanente que era como a alma da casa» ...).

¹⁸ P. 142.

¹⁹ P. 321. Sublinhado nosso.

²⁰ P. 12.

voz da linguagem regional e da experiência do pescador bate-mares, quem explica, a propósito de uma furna de São Jorge, que «este chão das nossas Ilhas, graças a Dês, é todo rôto!»²¹. De resto, o temporal que soprou na infausta noite do encontro de Margarida e João Garcia, deixou, no dia seguinte, um quadro de devastação no solo vulcânico da ilha: «Havia lances de passeios deitados abaixo, com brechas profundas e *torrões de bagacina esboroada*, marcando o sentido do enxurro. E, para lá do 'calhau' coberto das mantas da cheia, via-se o Canal ainda amargo, com o Pico negro e cónico ao fundo.»²². A prodigiosa capacidade de recordar múltiplas sensações do clima e da paisagem dá a Vitorino Nemésio, açoriano vivendo *fora* dos Açores, uma integração completa e multimoda nos diferentes aspectos da insularidade. Note-se como, no excerto que se segue, estão presentes vários domínios de significação que recobrem os sentidos e evocam experiência autêntica do meio insular:

«Margarida, agora embalada naquela surpresa de *vento, vela, água* e miragem de baleia, ia deixando-se levar. A canoa, às vezes adornada da manobra, roçava a borda no *gume fresco e vivo* do mar. As nuvens açorianas [...] deslaçavam-se agora *finas e leves* [...]. Vinha de terra *um cheirinho a figueira* e ao bafo da *lava quente*.»²³.

Terra — terra que para o autor do *Corsário das Ilhas* «cheira por toda a parte a lava e a pelo de boi», cheia de gado lavrado, pontuada pelo chocalho das vacas e pelas divisórias de pedra de lava que operam a geométrica divisão dos «serrados» ... De resto, a presença da vida rural, tão significativa na *Festa Redonda*, no *Corsário das Ilhas*, já

²¹ P. 347.

²² Cap. II, «O Despertar», p. 25. Sublinhados nossos.

²³ Cap. XXIX, «Barcarola», p. 338. Sublinhados nossos.

vem preludiada em quadros do *Mau Tempo no Canal*, como o que apresentamos a seguir, verdadeira pastoral a que não falta o rigor da linguagem terminológica agro-pecuária:

«Margarida admirou os mojos apoiados das grandes vacas de raça. O António Massinha enrolhava-lhes o rabo junto à alcatra, rilhava as crias das vacas paridas de pouco, prendendo-lhas à pá da mão. Depois, lavando as tetas sob a vigilância de Van Dam, acororado e cachimbando, passava a mão ao longo do mojo engorgitado, tirava duas ou três frechadas de líquido ainda fora do tarro, e ouvia-se o frigir regular e quente do leite na vasilha. A vaca soltava um mugido que parecia melancólico, derreando os cornos até ao coiro da suã e erguendo de olhos fechados o focinho frio e húmido. Outras vacas, espaçadas nos pastos, dobravam o corpo até poderem passar a língua na barriga. Um ou outro chocalho pontuava o silêncio frio da manhã.»²⁴.

É este, pois, o quadro em que o narrador faz Margarida beber leite quente da vaca, comer massa sovada e descer as encostas jorgenses até às casas da Urzelina.

Mas se deixarmos (ainda longe da exaustão!) a análise de elementos da natureza e procurarmos nos estratos psicológico, social e histórico do romance as marcas da insularidade, veremos como estas se infiltram pelas malhas do processo narrativo, da informação histórica e geohumana, revelando mesmo erudição disseminada por toda a obra.

Comecemos, ainda que rapidamente e por comodidade, pelo estrato histórico.

São frequentes as pesadas intromissões do *narrador-historiador-cronista* (confronte-se, de resto, com o que se revela no talento do autor do *Corsário das Ilhas*): ora a propósito do passado de cada personagem, ora a propósito de uma viagem, de um livro que cai nas mãos de Margarida. Bem situado historicamente (Horta-Pico-São Jorge-

²⁴ Cap. XXXIII, «Canção de Embalar», p. 386.

-Angra, 1917-1919), no romance se alude às epidemias de peste (Terceira, 1908), à cultura fim de século, ao maestro Francisco de Lacerda e à sua *entourage* cultural, às viagens do iate do príncipe Alberto do Mónaco, à emigração, às viagens baleeiras que ajudaram a fazer o porto da Horta e levaram pescadores como o Ti Amaro trancador por esses mares fora; fácil foi fazer cair nas mãos de Margarida, no seu desterro de São Jorge, um excerto de Gaspar Frutuoso acerca do terramoto de Vila Franca, ou dissertar sobre a erupção da Urzelina em 1808 e sobre a cultura dos inhames ... («deu origem ao nome gracioso que designa os habitantes da ilha pastoril na boca dos outros ilhéus. O jorgense é — o «inhameiro», p. 371). É ainda a vocação de historiador em estilo de crónica que o leva a recordar a viagem de Chateaubriand passando pelos Açores, aspirando à ilharga da Graciosa «une odeur fromentacée agréable, particulière aux moissons des Açores.»²⁵.

Mas mais amplo é o espectro temático do estrato social do romance, abrangendo os conflitos sociais de meio pequeno e as tensões familiares que evocam o mundo camiliano dos casamentos de conveniência da burguesia romântica de meados do século.

João Garcia — estudante bem sucedido no continente, autor, até, de «uns artigos muito importantes sobre *A Autonomia Administrativa das Ilhas Adjacentes*» — era, afinal, do melhor que se podia esperar num «rapaz que não pertencia positivamente à boa sociedade da terra»²⁶. João Garcia não podia, de facto, aspirar à mão de uma Clark-Dulmo, distanciada dele mais do que pelo conflito que expulsara Januário da casa Clark & Sons, Lda. ... Com efeito, o ressentimento e o ódio escondem-se nos planos e aspirações de Januário, que bem gostaria de se ver desforrado naque-

²⁵ P. 436.

²⁶ P. 30.

les amores furtivos do filho com a filha de Diogo Dulmo ... Mas a tensão que o romancista pretende gerar é bem maior: passa pela desgraça dos Dulmos, simbolizada naquele inútil descendente do descobridor Fernão Dulmo, que agora não acha melhor sorte para a filha senão pensar em casá-la com o cunhado Roberto, o Tio Roberto, meio irmão da mãe, filho de uma «aventura» do avô já velho ... Mas Margarida «fitou o pai com um olhar trespassado, em que havia aço e dor»²⁷. «[...] Numa terra em que tudo são heranças e negócios o que vale uma rapariga? [...]». Ou ainda, numa explosão de desabafo de Margarida: «O Tio creia que estas senhoras da Horta não sabem que estão neste mundo senão quando a vida corre mal. Foram criadas com tolices; não vivem senão para o Real Clube Faialense e para as festas a bordo, quando vem uma esquadra à Doca.»²⁸.

Era enfim, a explosão de Margarida contra uma sociedade apertada que ela vai repudiar; talvez um sentimento paralelo àquele que inspira revolta a João Garcia quando lembra que o pai expulsara a mãe de casa — «a covardia burguesa do pai» ...²⁹. Condenada, talvez, por pouco mais do que um olhar trocado com um elegante atrevido, ela que, casada de afogadilho, ficara talvez «aperreada atrás daquelas reixazinhas verdes lá das nossas Ilhas», comenta o Alfredo Nina, colega de Garcia, natural de São Miguel.

Mas da sociedade rural, pobre e conformada (nem sempre pobre, nem sempre conformada, pronta até a emigrar ...) se fala pela boca de Ângelo (elegante e adorado), de Januário e Henriqueta, a propósito dos horrores da peste:

«— Gente bruta, que dorme com o curral do porco debaixo do nariz.

²⁷ P. 70.

²⁸ Pp. 174-175.

²⁹ P. 104.

— Oh Ângelo! Onde querias tu que eles pusessem os porcos? ... Com umas casinhas de palmo, só com uma porta e um postigo, uns palheirinhos ... — E Henriqueta encolhia-se para dar a impressão dos tectos baixos de Pedro — Miguel. — Coitados pobres!»³⁰.

Mas esta focalização é compensada pelo narrador ele próprio, quando fala, por exemplo, das Festas do Espírito Santo, «espécie de florália cristã adaptada à vida da lavoira», mostrando que «a alma do ilhéu é cândida e tenaz: quer um Deus vivo e alegre; chama-o à intimidade do seu pão e das suas ervas húmidas.»³¹.

De resto, não esqueçamos as demoradas citações de linguagem regional, o falar tipicamente palatalizado das «ilhas de Baixo», documentado principalmente no Ti Amaro, trancador de baleias, no criado Manuel Bana, mas ainda na aristocracia rural, exemplificada na Baroneza da Urzelina³².

Onde, porém, mais difícil e subtil se revela a marca da insularidade é no estrato psicológico do romance. Que há de insular e açoriano no carácter frouxo e introvertido de João Garcia? E, por outro lado, no carácter decidido, «secamente orgulhoso», cheio de veneta, mas também de serenidade e de recalque de Margarida Dulmo? Margarida, personagem misteriosa, longamente «documentada» no romance por indícios que o narrador não esconde: decidida mas ressentida, só gosta de certos versos quando triste (p. 30), voluntariosa (p. 33) «secamente orgulhosa» (p. 55), capaz de enfrentar o pai (p. 70) ou ter uma conversa quase viril (p. 26), cheia de energia interior recalçada, sublimada em serenidade (p. 174), «um enigma vivo», cheia de «veneta» (p. 316), afoita (p. 399), decidida a seguir o tio ao longo

³⁰ P. 39.

³¹ P. 212.

³² Ver respectivamente caps. XXVIII, «Oceano Glacial Artico», XIII, «Feria Sexta in Parasceve» e XXXI, «Xácara dos Mortos-vivos».

do canal e a deixar-se levar sem medo nem enjoo nas águas do canal, na esteira de uma baleia, numa canoa de pescadores e a dormir numa furna de São Jorge sem derramar uma lágrima de medo ou de pudor. E capaz de lançar à água o anel de cabeça de serpente num gesto que significava a corajosa aceitação do futuro e do Destino perante um passado doloroso. Aceitação resoluto de partir, mas sem desenraizamento, com aquele amor à terra que é o do próprio Autor ...

Estranha galeria de personagens, que merece estudo à parte, e que parece ser carne viva da história insular, documento vivo de uma estratificação social emparedada pelas rochas, pela ressalga de um mar caprichoso; aliás condicionada pelas origens dos povos açorianos, ainda mal apuradas, enfim, pela dispersão e isolamento que os acidentes geográficos e climáticos impuseram.

Com a sua narração densa, cortada constantemente por analepses sucessivas, por apartes eruditos sobre a história dos Açores assumida em incidentes locais, o *Mau Tempo no Canal* é um romance de ressentimentos, tensão, frustração social e individual, conjugando passado, presente e disponibilidade perante o futuro. Romance em que o tempo tem outra profundidade («sete anos, nas ilhas, dão grande fundura ao tempo», p. 16), em que os elementos não são a terra, a água, o fogo e o ar, mas as *nuvens*, a *lava* e o *mormaço* ...

Angra - Ponta Delgada, Outubro de 1978.